

# A PROMOÇÃO DE COMPETÊNCIAS DE INTERVENÇÃO EM SITUAÇÕES DE EMERGÊNCIA EM ALUNOS DO 1.º CEB

Mónica Rosário & Elisabete Linhares

<sup>1</sup>Escola Superior de Educação de Santarém do Instituto Politécnico de Santarém

<sup>2</sup>Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém, Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Educação e Formação do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa - UIDEF

## RESUMO

O ensino dos Primeiros Socorros constitui-se uma área prioritária em muitos países da Europa fazendo parte integrante do currículo. Contudo, a abordagem deste tema, em Portugal, é bastante limitada remetendo para a necessidade de uma formação de professores e alunos desde os primeiros níveis de ensino de forma a capacitar as nossas crianças a intervir e salvar pessoas. Para além de se saber o que fazer, importa, também, ter uma atitude de prevenção para minimizar as situações em que é necessário intervir em situações de emergência. O presente estudo de caso centrou-se assim na promoção de competências de atuação em Primeiros Socorros numa turma do 3.º ano do 1.º Ciclo do ensino Básico. O seu principal objetivo foi o de verificar o impacto da exploração didática deste tema nos alunos participantes do estudo. Os dados foram recolhidos através da aplicação de um questionário aos alunos antes e depois da abordagem realizada em sala de aula, um questionário destinado a uma corporação de bombeiros da região onde decorreu o estudo, de entrevistas, à observação participante e análise documental.

Verificou-se que as atividades de Primeiros Socorros que foram concebidas, implementadas e avaliadas capacitaram os alunos a realizarem procedimentos de Primeiros Socorros.

**Palavras-chave:** Educação para a Saúde; Primeiros Socorros; Competências; Alunos; 1.º Ciclo do Ensino Básico.

## **ABSTRACT**

Teaching First Aid constitutes a priority area in many European countries as an integral part of the curriculum. However, the approach this issue in Portugal is very limited there is a need training teachers and students from the earliest levels of education in order to empower our children to step in and save people. Beyond to knowing what to do, it is also important to have an attitude of prevention to minimize situations where it is necessary to act in emergency situations.

This case study focused on promoting skills like acting in a First Aid with a class of 3th grade of 1st Basic Teaching Cycle. Its main objective was to verify the impact of didactic exploration of this theme in the students participating in the study.

The data were collected using a questionnaire to students before and after the approach taken in the classroom, a questionnaire for a fire department in the region where the study took place, interviews, participant observation and document analysis.

The results showed that strategies implemented in the classroom enabled students to perform First Aid procedures.

**Keywords:** Health Education; First Aid; Skills; Students; First Primary School.

## **INTRODUÇÃO**

Se as nossas crianças forem ensinadas desde cedo numa cultura de proteção e socorro e souberem dar valor a isso, muitas vidas podem ser salvas. Para além de se saber o que fazer, importa, também, ter uma atitude de prevenção para minimizar as situações em que é necessário a aplicação dos conhecimentos aprendidos de Primeiros Socorros (PS) (Baptista, 2012). Com efeito, é importante dar oportunidade aos alunos para contactarem com situações de ensino-aprendizagem que proporcionem o desenvolvimento de competências sobre PS e Suporte Básico de Vida (SBV) porque, como defendem Gomes, Santos, Vieira e Barbosa (2011), a maior parte dos acidentes que ocorrem podem ser solucionados com procedimentos simples que diminuem o sofrimento, evitam complicações e podem salvar vidas. Por esta razão, todas as pessoas devem possuir conhecimentos para agir, tendo sempre o cuidado de verificar se existe segurança e se se pode agir quando detetada uma situação de emergência (INEM & Ministério da Saúde, 2005). Tal como refere Reis (2010) a

formação em PS pode começar desde cedo alertando as crianças para o que podem fazer até numa simples picada de um mosquito.

Em Portugal, o Programa de Estudo do Meio do 1.º Ciclo do Ensino Básico (Ministério da Educação, 2006) aborda esta temática com vários níveis de profundidade tendo em conta o ano de escolaridade, no entanto, os conteúdos de PS apresentados são insuficientes, sendo ainda apresentados de forma fragmentada. Todavia, o Ministério da Educação português disponibiliza um manual de primeiros socorros (Reis, 2010) onde são apresentadas diversas situações de emergência. Segundo este documento, cabe aos agentes educativos aumentar a literacia das crianças e jovens em matéria de PS. O ensino dos PS desde o Ensino Básico justifica-se por se tratar de um nível de escolaridade em que as crianças estão ávidas em aprender e se encontram a desenvolver diversas competências essenciais à sua vida futura como cidadãos (Connolly, Toner, Connolly & McCluskey, 2007).

A função da escola não se limita ao desenvolvimento de competências académicas tendo igualmente o papel de socializadora, de formação do aluno enquanto pessoa, do seu comportamento, formadora de cidadania e de educação para a saúde. O local por onde toda a população passa obrigatoriamente é a escola, sendo assim o local ideal para formar a sociedade em PS. Outras características muito importantes para a formação da população jovem são o seu interesse e motivação por este tema, a facilidade com que aprendem e o facto de comunicarem aos seus familiares e amigos as aprendizagens realizadas (Bollig, Wahl & Svendsen, 2009; Connolly et al., 2007; Jones, Whitfield, Colquhoun, Chamberlain, Vetter & Newcombe, 2007; Lockey & Georgiou, 2013; Ribeiro, Menezes, Germano, Schmidt & Pazin-Filho, 2010; Toner et al., 2007).

Por conseguinte, o presente estudo pretendeu aferir qual a importância de proporcionar situações de ensino-aprendizagem às crianças do 1.º CEB e compreender melhor esta realidade educativa de forma a ter uma preparação mais eficaz e eficiente para formar alunos do 1.º CEB em PS e SBV, atendendo à relevância do tema.

### **O ensino dos Primeiros Socorros**

Apesar de em Portugal, apenas ter sido recentemente apresentada uma resolução na Assembleia da República que recomenda ao Governo, uma formação de frequência obrigatória em SBV no 3.º ciclo do ensino básico (Resolução n.º 590/XII/2.ª) reconhecendo, desta forma, a importância de uma formação nesta área no ensino obrigatório, esta

realidade já existe em muitos outros países da Europa onde o ensino de PS é obrigatório no currículo. Tal como nesses países, as nossas crianças devem igualmente ter a oportunidade de formação nesta área, de modo a saberem como atuar em caso de acidente. Segundo Lockey e Georgiou (2013), é importante pressionar os governos para legislar o ensino em SBV para todas as crianças europeias.

Apesar do risco dos procedimentos de PS serem executados incorretamente podendo comprometer o estado de saúde da vítima, a hipótese de prejudicar a vítima é muito reduzida, comparativamente com o número de mortes que podem ocorrer devido à falta de socorro (Bollig et al., 2009). Como explicam Lockey e Georgiou (2013) os conteúdos a abordar com as crianças devem ter em conta o ano de escolaridade que se encontram a frequentar. As crianças mais novas devem saber como é importante pedir corretamente ajuda e como fazê-lo enquanto com as crianças mais velhas pode-se abordar o SBV. Os procedimentos de PS são entendidos como procedimentos prestados imediatamente à vítima acidentada ou com doença súbita. Trata-se de uma assistência temporária até à chegada de ajuda diferenciada e visa preservar a vida, minimizar a gravidade dos ferimentos e o sofrimento.

De acordo com um estudo desenvolvido por Gomes et al. (2011), apenas 2,3% dos professores de escolas públicas concordam totalmente em ter formação em PS e a maioria discorda ou discorda totalmente desta formação, 61,3% e 15,9%, respetivamente. Quando inquiridos relativamente aos seus conhecimentos sobre PS, a maioria dos professores (81,8%) respondeu não ter conhecimentos e, apenas, 18,2% referiu ter conhecimentos relacionados com a abordagem à vítima. Não obstante os dados obtidos por Gomes e colaboradores (2011), há professores que estão dispostos a ensinar SBV aos alunos desde que sejam devidamente formados (Toner et al., 2007).

## **METODOLOGIA**

O presente estudo é de natureza qualitativa assumindo um formato de estudo de caso, ou seja, a observação detalhada de um contexto particular (Ponte, 2006), neste caso, uma turma de 3.º ano do 1.º CEB no ano letivo 2013-14. Dada a relevância do tema, pretendeu-se conhecer como é que os PS são abordados numa turma de 1.ºCEB e compreender que competências podem ser desenvolvidas nesta área. Para uma análise e interpretação dos dados mais rigorosa, foi realizada uma abordagem quantitativa de alguns dados obtidos.

A primeira fase do estudo integrou três tipos de participantes: a) o corpo de Bombeiros Voluntários da área de residência da investigadora; b) os alunos da turma de 3.º ano de uma escola do 1.ºCEB; e c) a professora titular da turma.

A segunda fase (estudo de caso) envolveu, também, três tipos de participantes: a) os dois bombeiros que dinamizaram a exploração didática; b) a professora titular da turma onde foi dinamizada a exploração didática; e c) os alunos do 3.º ano do 1.º CEB.

Na primeira fase do estudo, recorreu-se a inquéritos por questionário destinados a diferentes públicos, bombeiros e alunos, procedendo-se ainda à aplicação de uma entrevista semiestruturada à professora titular da turma. Na 2.ª-fase (estudo de caso), e depois da exploração didática em PS ter sido dinamizada, foi novamente aplicado um questionário aos alunos que participaram na formação, tendo sido ainda realizada uma entrevista à sua professora e aos bombeiros que participaram na exploração didática em PS. O recurso a questionários permitiu chegar a muitas pessoas, em pouco tempo (Quivy & Campenhoudt, 1997) e com baixos custos.

Como o objetivo era conhecer com maior profundidade a realidade de uma turma do 3.º ano do 1.º CEB, importou conhecer como a sua professora percecionava o tema bem como os bombeiros intervenientes na formação. O recurso à entrevista permitiu um contacto direto com os entrevistados (Quivy & Campenhoudt, 1997) e “(...) recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 134).

A observação direta realizada foi sendo acompanhada de notas de campo para que a avaliação das atividades fosse mais completa, de modo a recordar tudo o que se tinha passado e refletir sobre as sessões dinamizadas. Estas notas de campo consistem no “(...) relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha (...)” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 150).

As tarefas que foram sendo realizadas pelos alunos constituem também uma fonte de dados tratando-se de documentos passíveis de análise para identificar as aprendizagens desenvolvidas pelos alunos. Apresentam-se no quadro 1, o conjunto de atividades desenvolvidas em sala de aula.

**Quadro I - Atividades desenvolvidas em sala de aula para trabalhar o tema dos Primeiros Socorros.**

Tarefa 1	Leitura e análise de duas notícias - Trabalho em grupo.
Tarefa 2	Exploração da caixa de Primeiros Socorros - Trabalho em grande grupo.
Tarefa 3	Exploração do <i>PowerPoint</i> - Trabalho em grande grupo.
Tarefa 4	Exploração didática em sala com os bombeiros.
Tarefa 5	Criação de uma música sobre Primeiros Socorros - Trabalho em grande grupo.
Tarefa 6	Jogo de Primeiros Socorros (atividade de avaliação) - Trabalho em grupo.
Tarefa 7	Elaboração de um cartaz sobre Primeiros Socorros (atividade de avaliação) - Trabalho em grande grupo.

**APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS E DISCUSSÃO**

- Avaliar a necessidade de ações de PS no meio escolar desde o 1.º CEB

Na entrevista realizada à professora titular da turma, a participante avaliou os seus conhecimentos em PS como “fracos relativamente às necessidades que nós temos no dia a dia na nossa vida” (Ent1p, p.115). Esta profissional considera ainda que os poucos conhecimentos que possui provêm de pesquisas que realiza a título pessoal para responder às situações com as quais se vai confrontando no quotidiano da escola:

Os poucos [conhecimentos] que tenho vêm de autoformação, de livros, algumas coisas que vejo na internet e situações que me surgem na minha vida profissional e que eu sou obrigada a investigar e tentar resolver algumas situações (Ent1p, p.115).

A professora menciona ainda a ocorrência de alguns acidentes na sua escola, sendo os mais frequentes: “cortes, hematomas e cabeças partidas” (Ent1p, p.115).

Atendendo a todo este contexto, para a entrevistada, a formação em PS é “essencial” (Ent1p, p.117) tanto para os professores como para os alunos. Acrescenta ainda a necessidade de uma formação teórica com uma vertente prática para capacitar realmente um indivíduo a intervir em situações de emergência. Enquanto professora titular de turma, aborda esta temática com os seus alunos para que estes se consciencializem do quão

importante é agir e socorrer uma vítima. Porém, em sala de aula, aborda o que está definido no programa sendo que as dificuldades surgem quando os alunos a questionam e não se sente devidamente preparada para responder.

Do conjunto de bombeiros que respondeu ao questionário (47 dos 78 elementos que constituem a corporação), 94% considerou importante a formação em PS para alunos do 1.º CEB, 4% achou pouco importante e apenas 2% dos bombeiros considerou desapropriada esta formação. Verificou-se assim que a quase totalidade deste corpo de bombeiros é favorável à dinamização de formação nesta área com jovens do 1.º CEB.

As diferentes opiniões dos respondentes foram organizadas nas categorias -valorização e desvalorização da formação. A primeira categoria foi organizada nas subcategorias: a) saber como ajudar (49%) e b) importância da formação (45%); e a segunda categoria integra a subcategoria imaturidade (6%). A subcategoria “saber como ajudar” integra respostas relacionadas com o facto de uma formação nesta área poder ajudar os alunos a intervir em situações de emergência, podendo ajudar a salvar uma vida. Desta forma, os alunos podem “ajudar-se a si próprios e às pessoas que os rodeiam” (Qb, 3), podem ainda fazer “pequenos gestos” (Qb, 18 e 43) como “ligar 112” (Qb, 34) e “intervir e salvar uma vida” (Qb, 36). Quase metade dos respondentes considera adequada uma formação sobre PS com alunos do 1.º CEB dada a sua importância, desde que seja “adequada às idades das crianças” (Qb, 1). Para tal, na sua opinião, deverá começar “quanto mais cedo (...) melhor” (Qb, 14). A reduzida percentagem de respostas que ilustra uma opinião desfavorável a uma formação de PS para o 1.º CEB está relacionada com o facto de acharem os alunos “muito pequenos” (Qb, 38) para frequentar este tipo de formação porque, segundo eles, nestas idades os alunos só “querem é brincar” (Qb, 24).

Quando inquiridos quanto ao que consideravam ser os PS constatou-se que os alunos (15 no total - 6 do género feminino e 9 do género masculino com idades entre os 7 e os 8 anos), não tinham uma compreensão profunda do conceito de PS, referindo de uma forma solta e desconexa, ideias relacionadas com o tema. No entanto, os respondentes evidenciaram algum conhecimento relacionado com a prestação de ajuda, o salvamento de vidas e o recurso a instrumentos específicos para o fazer.

No que diz respeito a alguns conhecimentos de situações específicas de emergência, apenas duas questões do questionário foram respondidas corretamente pela totalidade dos respondentes. Estes resultados evidenciam uma falta de conhecimento geral da turma sobre

o tema. Por exemplo, à pergunta sobre o que se deve fazer em primeiro lugar quando se encontra uma pessoa caída, nenhum dos alunos assinalou a resposta correta (verificar se o local é seguro). A maioria dos alunos (93%) respondeu que pedia ajuda e 7% verificava os sinais vitais. Ao responderem à questão “para verificar se uma pessoa está a respirar que sinal se deve procurar?”, 67% dos alunos disse que verificava a ventilação através do nariz e 33% dos alunos respondeu, corretamente, que verificava o movimento do tórax. Quanto à pergunta “se a pessoa não respirar o que se deve fazer?”, 47% dos alunos respondeu que se devia iniciar compressões torácicas, 33% dos alunos respondeu que se devia colocar a vítima em posição de recuperação e 20% dos alunos selecionou a resposta correta, assinalando a opção - fazer ventilações. Para 47% dos alunos quando alguém sangra do nariz deve-se assoar, 27% pensa que se deve colocar a cabeça para trás e igual percentagem de alunos (27%) considera que se deve manter a cabeça direita apertando as narinas e aplicar frio no local (resposta correta). Para 47% dos inquiridos, o ferrão de uma abelha deve ser retirado com auxílio de uma pinça, desinfetar-se o local da picada e saber se a pessoa é alérgica (resposta correta). Uma igual percentagem de alunos (47%), considerou, erradamente, que se deve colocar uma moeda sobre o ferrão e para 7% dos alunos, o ferrão deve ser chupado. A análise destes dados remete para a importância de uma formação nesta área e o esclarecimento de práticas de forma a proporcionar um conhecimento mais profundo e adequado sobre o tema de PS.

As atividades de exploração da caixa de primeiros socorros e do *PowerPoint* sobre PS, permitiram aferir que existiam algumas conceções incorretas através da explicação dada por alguns alunos. Por exemplo:

Os alunos referiram faltar um elemento na caixa de PS, o algodão. Para os alunos o algodão serve para colocar na narina que tivesse uma hemorragia. Expliquei que o algodão não estava na caixa de PS por não ser utilizado para esse fim, uma vez que, depois de a hemorragia parar, e se se colocasse o algodão, esse iria ficar “preso” e ao puxá-lo vamos reativar a hemorragia (Notas de campo, 21 de novembro de 2013).

Relativamente à exploração do *PowerPoint* a interação proporcionada permitiu detetar a existência de mais conceções incorretas, nomeadamente:

Ao explorar a picada questioneei os alunos sobre o que achavam que se devia fazer nesta situação específica de emergência. Desde logo pude perceber que existiam muitas conceções alternativas, pois os alunos referiram: colocar uma moeda ou uma faca em cima

da zona da picada. Questionei se era o que os pais faziam, ao que os alunos me responderam afirmativamente. Expliquei que, nesta situação, se lavava e desinfetava a zona picada, retirava-se o ferrão se este estivesse visível, colocavam-se coisas frias ou em caso de picada de um peixe-aranha colocavam-se coisas quentes. Caso fosse necessário ligava-se para o Centro de Informação Antivenenos (CIAV). (Notas de campo, 28 de novembro de 2013).

As conceções alternativas apresentadas pelos alunos resultam essencialmente das suas vivências, quer por terem observado esses comportamentos na escola ou em casa.

#### **- Exploração didática em PS e SBV**

De forma a avaliar as aprendizagens dos alunos depois das sessões de PS, foi aplicado um questionário com várias perguntas, algumas das quais iguais ao primeiro questionário. Quando questionados sobre o que entendiam por PS verificou-se que os alunos não conseguiram explicar de forma mais específica este conceito não se verificando uma consolidação da aprendizagem do significado do conceito de PS, pois todas as respostas se mantinham bastante imprecisas e incompletas.

No que diz respeito a conteúdos mais específicos de PS, uma percentagem elevada de alunos (73%) mencionou corretamente que a primeira coisa a fazer quando se encontra uma pessoa é verificar se o local é seguro. Se compararmos com as respostas dadas no primeiro questionário, verifica-se uma melhoria de conhecimento expressa pelo aumento de respostas corretas. Contudo, ainda 13% dos alunos responderam que verificariam os sinais vitais. Para verificar se uma pessoa está a respirar 60% dos alunos respondeu, corretamente, que verificava o movimento do tórax e 40% disse que verificava a ventilação através do nariz. Verificando, assim, uma melhoria relativamente ao primeiro questionário.

Cerca de metade dos respondentes (47%) refere, incorretamente, que devem ser realizadas compressões torácicas quando uma pessoa não respira e, somente, 33% iniciava, corretamente, ventilações. Embora tenha havido um aumento de respostas corretas relativamente ao 1.º questionário, uma percentagem considerável de alunos não assinalou a resposta correta. Quando alguém sangra do nariz deve-se manter a cabeça direita apertando as narinas e aplicar frio no local, resposta selecionada por todo o grupo de crianças. Toda a turma respondeu que quando uma pessoa é picada por uma abelha se deve retirar o ferrão com auxílio de uma pinça, desinfetar e saber se a pessoa é alérgica. Verificou-se assim que

nas respostas às questões específicas de situações de PS (onde realizar compressões torácicas, o que fazer em caso de crise asmática, de epistaxis, de ferida pouco profunda e de picada) houve um aumento de respostas corretas relativamente ao 1.º questionário.

De forma a avaliar a evolução dos alunos procedeu-se a uma avaliação diagnóstica de cada aluno na primeira visita dos bombeiros. De acordo com Ponte e Serrazina (2000) a avaliação diagnóstica tem como objetivo “conhecer o que os alunos sabem acerca de um certo assunto” (p. 227). Essa avaliação diagnóstica permitiu verificar que 2 crianças não conseguiam efetuar os procedimentos (nível 1), 8 alunos realizavam os exercícios com ajuda (nível 2), e 4 alunos conseguiam fazê-lo sem ajuda (nível 3). Após ter frequentado as sessões de PS e, de modo a perceber as situações de emergência nas quais os alunos obtiveram melhores resultados, calculou-se a média das classificações obtidas em cada uma das situações praticadas pelos alunos. Através da avaliação sumativa aferiu-se que 12 alunos tiveram uma classificação média de 3, ou seja, “realiza os procedimentos de PS” e 3 alunos tiveram uma classificação média de 2, isto é, “realiza com ajuda os procedimentos de PS”. Todos os alunos conseguiram realizar os procedimentos e a maioria realizou-os sem ajuda, o que permite verificar que os alunos sabiam o que fazer nas situações de emergência estudadas, constatando-se uma melhoria na execução prática de situações de PS comparativamente ao início das sessões. De uma forma geral, é possível concluir que as crianças realizaram aprendizagens significativas não existindo a classificação 1 “não realiza”. A atividade que envolveu a elaboração da letra de uma música permitiu também verificar os conhecimentos construídos pelos alunos. Durante a chuva de ideias com palavras ou expressões relativas ao tema, e sempre que um aluno apresentava uma situação de emergência, explicava os procedimentos a realizar, o que foi realizado com sucesso. O jogo de PS realizado foi outro momento de aferição das aprendizagens dos alunos, para além de identificar quais eram as situações de emergência que possuíam tinham de justificar a sua resposta recorrendo às imagens e à sua ordenação. Algumas situações eram imediatamente reconhecidas através de algumas imagens que retratavam tipicamente uma dada situação. Na atividade da elaboração de um cartaz com as situações de emergência exploradas durante as aulas, os alunos tiveram oportunidade de explicar e, posteriormente, registar os procedimentos a realizar. As interações promovidas deram informações quanto aos conhecimentos consolidados e aqueles onde poderiam permanecer dúvidas. Durante este

processo, foi possível verificar que sabiam quais os principais cuidados a ter como, por exemplo, colocar as luvas e verificar as condições de segurança.

Na opinião dos alunos, a experiência vivenciada preparou-os para ajudar uma pessoa em situação de acidente, sabendo o que se deve fazer. Consideraram-se ainda capazes de ensinar conteúdos de PS a outras crianças, mostrando alguma confiança nos conhecimentos construídos: “Fomos privilegiados por termos esta formação” (A); “Foi mau os outros meninos não terem esta formação porque não sabem (como nós) o que fazer em caso de acidente” (B); “Agora podemos ensinar os outros meninos” (C).

Segundo a professora cooperante, as sessões dinamizadas contribuíram para a promoção de conhecimentos sobre PS nos alunos pois, realizaram uma “aprendizagem muito prática e proveitosa” (Ent2p, p.136). Quanto às implicações que esta formação poderá ter no futuro destas crianças a professora valorizou os “conhecimentos que os alunos poderão aproveitar durante toda a sua vida”, Ent2p, p.136).

Relativamente à formação proporcionada, o bombeiro formador B fez um balanço positivo, por considerar ter proporcionado conhecimentos teóricos e práticos sobre PS. Afirmou ainda que tudo o que foi abordado durante a formação foi aprendido pelos alunos uma vez que “foram praticando e aplicando o que aprenderam sem ajuda” (EntdbB). O bombeiro A registou com muito agrado o envolvimento da turma, o seu interesse e a sua capacidade em aprender procedimentos de PS. Para ambos os formadores o tempo da formação não foi suficiente “para que se pudesse aprofundar mais os vários procedimentos” (EntdbB) e para se poder praticar mais, pois “só simulando, repetindo e fazendo é que (...) se aprende verdadeiramente” (EntdbA).

Os resultados atestam as ideias defendidas por muitos autores (Bollig et al., 2009) que realizaram estudos sobre o tema, verificando-se que os alunos do ensino básico, especificamente, do 1.º CEB, são capazes de verificar o estado de consciência da vítima, ligar para o 112 e colocar a vítima em Posição Lateral de Segurança (PLS). As aprendizagens podem ser desenvolvidas desde que os conteúdos sejam devidamente adaptados à sua faixa etária e nível de desenvolvimento (Lockey & Georgiou, 2013). Tal como Ribeiro e os seus colaboradores (2010) confirmaram no seu trabalho desenvolvido com alunos de 14 anos, também se verificou com alunos de 8 e 9 anos que a formação promoveu uma melhoria de conhecimentos. À semelhança do trabalho desenvolvido por Connolly et al. (2007), também aqui os alunos mostraram ter construído conhecimentos relativamente à abordagem à

vítima, em SBV e na PLS. Contrariamente aos resultados obtidos no estudo levado a cabo por Jones et al. (2007) com crianças entre os 11 e 12 anos, quase todos os alunos do presente estudo conseguiram realizar as compressões torácicas com a profundidade adequada, pois o manequim faz um “clique” quando a profundidade da compressão é adequada.

A conceção, implementação e avaliação de mais ações deste género poderá trazer bons resultados, quer na motivação dos alunos como nas aprendizagens que conseguem realizar, como ficou evidenciado pelos resultados obtidos no questionário 2, nos procedimentos de PS efetuados e pelas tarefas e produções realizadas pelos alunos nas sessões.

## **CONCLUSÃO**

Os resultados evidenciam o enriquecimento dos conhecimentos dos alunos depois de terem participado na exploração didática sobre PS. Foi possível aferir um aumento do número de respostas corretas no último questionário relativamente ao primeiro. Assim, pode-se concluir que a exploração didática dinamizada foi uma mais-valia para as crianças.

Na primeira fase do estudo, avaliou-se a necessidade de ações de PS no meio escolar através da identificação das perceções da professora titular, dos alunos e dos bombeiros. A professora considerou muito importante este tipo de formação e apesar de abordar estes conteúdos em sala de aula, limitava-se aos conteúdos abordados no manual por não se sentir à vontade com a temática. Os alunos não sabiam o que eram os PS associando esta ideia aos profissionais como, por exemplo, os bombeiros. Algumas conceções dos alunos estavam incorretas, revelando estarem associadas a conceções também evidenciadas pelos pais. Na opinião da maior parte dos bombeiros inquiridos é importante que os professores e os alunos de 1.º CEB tenham formação de PS dada a hipótese de se depararem com situações de emergência no seu quotidiano.

Na segunda fase do estudo, a avaliação diagnóstica realizada permitiu aferir que um número muito reduzido de alunos conseguia realizar procedimentos de PS, sendo que os restantes alunos necessitavam de ajuda ou não os realizavam. Após participarem nas sessões práticas dinamizadas pelos bombeiros, verificou-se uma evolução considerável. Neste caso, não houve nenhum aluno incapaz de realizar os procedimentos de PS e a maioria conseguia efetuar os procedimentos sozinhos. Desta forma, observou-se uma melhoria quanto à execução prática das aprendizagens teóricas. Tal como defende Colquhoun (2012), a componente prática da formação foi muito importante para as aprendizagens dos alunos.

Também a participação e análise das respostas dos alunos durante a realização de outras atividades, como a ordenação das figuras do jogo, cartaz, redação da letra da música revelou o desenvolvimento de competências nos alunos. Sempre que solicitado os alunos conseguiam explicar o porquê de se realizar determinado procedimento bem como descrever o que fazer perante determinada situação.

Neste estudo, à semelhança de outros (Bollig et al., 2009) são mostrados resultados positivos ao nível da promoção de aprendizagens de PS no 1.º CEB, o que vem sustentar e justificar a pertinência da abordagem do tema neste nível de escolaridade. Apesar de um estudo de caso não se poder generalizar, pode refletir os resultados de uma formação em PS no 1.º CEB. Se estes alunos do 3.º ano aprenderam a realizar procedimentos de PS outros alunos também poderão aprender. Esta investigação permite ainda alertar para a necessidade de formar os professores de modo a que estes consigam formar os seus alunos, para que todos possam estar preparados para atuar, caso seja necessário. Apesar de as escolas não terem equipamentos específicos para abordar esta temática, é sempre possível recorrer aos profissionais que trabalham nesta área e conseguir a sua colaboração. É importante começar a desenvolver-se uma cultura de preocupação com os outros e de entreatajuda, e assim caminhar-se para uma sociedade melhor, mais solidária e preocupada com o bem-estar dos seus cidadãos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Baptista, N. (2012). *Manual de Primeiros Socorros*. Sintra: Escola Nacional de Bombeiros.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Bollig, G., Wahl, H. A., & Svendsen, M. V. (2009). Primary school children are able to perform basic life-saving first aid measures. *Resuscitation*, 80, 689-692.
- Colquhoun, M. (2012). Learning CPR at school – Everyone should do it. *Resuscitation*, 83, 543-544.
- Connolly, M., Toner, P., Connolly, D., & McCluskey, D.R. (2007). The 'ABC for life' programme - Teaching basic life support in schools. *Resuscitation*, 72, 270-279.
- Grupo Parlamentar CDS-PP (2013). *Projecto de Resolução N.º: 590/XII/2.ª*. Lisboa: Assembleia da República.
- Gomes, L., Santos, C., Vieira, M., & Barbosa, T. (2011). *Cadernos de Ciência e Saúde*, 1, (1), 57-64.

- INEM & Ministério da Saúde (2005). *Primeiros Socorros*, Coleção Guias de Saúde. Sintra: Impala Editores.
- Jones, I., Whitfield, R., Colquhoun, M., Chamberlain, D., Vetter, N., & Newcombe, R. (2007). At what age can schoolchildren provide effective chest compressions? An observational study from the Heartstart UK schools training programme. *BMJ*, 334, 1201-1203. Recuperado de <http://www.bmj.com/content/334/7605/1201>.
- Lockey, A. S., & Georgiou, M. (2013). Children can save lives. *Resuscitation*, 84, 399-400.
- Lubrano, R., Romero, S., Scoppi, P., Cocchi, G., Baroncini, S., Elli, M., Turbacci, M., Scateni, S., Travasso, E., Benedetti, R., Cristaldi, S., & Moscatelli, R. (2005). How to become an under 11 rescuer: a practical method to teach first aid to primary schoolchildren. *Resuscitation*, 64, 303-307.
- ME - DEB (2006). *Organização Curricular e Programas - Ensino Básico - 1.º Ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica. 5.ª Edição.
- Ponte, J. P. (2006). Estudos de caso em educação matemática. *Bolema*, 25, 105-132.
- Ponte, J. P., & Serrazina, M. L. (2000). *Didática da matemática do 1.º Ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1997). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Reis, I. (2010). *Manual de Primeiros Socorros: Situações de Urgência nas Escolas, Jardins de Infância e Campos de Férias*. Lisboa: ME - Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Ribeiro, L. G., Menezes, P. L., Germano, R., Schmidt, A., & Pazin-Filho, A. (2010). Teaching Basic Life Support to Brazilian School Children Using American Heart Association Video-Based Course Model by Undergraduate Medical Students. *Annals of Emergency Medicine*, 56, (3), S152.